

INTERNACIONAL

# Rumos da economia americana

Foto

A utilização deste artigo é exclusiva para a publicação

# Em entrevista ao **Valor**, Lawrence Summers afirma que a China terá de apreciar a sua moeda e que a economia dos EUA pode crescer até 4%.

Por **Robinson Borges**, de São Paulo

**A**s festas em família na casa dos Summers sempre foram um ponto fora da curva no estilo de vida dos colegas do pequeno Larry, em Penn Valley, subúrbio da Filadélfia. Filho de dois prestigiados economistas e professores universitários, Larry ainda convivia com dois tios vencedores do Prêmio Nobel de Economia: Paul Samuelson, irmão de seu pai — que mudou o sobrenome para Summers —, e Kenneth Arrow, irmão de sua mãe. "Em nossas festas de Ação de Graças, discutíamos mais questões econômicas do que a maioria das outras famílias", lembra um bem-humorado Lawrence Summers, durante conversa telefônica com o **Valor**.

Com seu DNA de platina, não é de estranhar o entusiasmo que demonstra ao comentar o peso de sua herança genética. "A economia está no sangue", diz o ex-secretário do Tesouro dos EUA de Bill Clinton e, até o fim do ano passado, o principal assessor econômico do presidente Barack Obama.

As reminiscências econômico-familiares remetem a um episódio ocorrido quando era subsecretário do Tesouro dos EUA, no auge da crise russa de 1998. Ainda crianças, Pamela e Ruth, suas filhas gêmeas, debatiam alternativas para o Brasil, que enfrentava uma fulminante fuga de capitais provocada pela turbulência financeira nas economias emergentes.

"Quando elas tinham oito anos, um funcionário do governo brasileiro me ligou muito preocupado, e minha filha disse: 'Papai, não atenda ao telefone, fique aqui almoçando com a gente. Você vai acabar dando dinheiro àquelas pessoas de qualquer maneira!' E a irmã gêmea dela disse: 'Não, Ruthie! O papai já deu dinheiro a eles antes e eles desperdiçaram, então temos que tomar muito cuidado!'", conta rindo. "Bem, você vê, a economia faz parte dos assuntos cotidianos da minha família."

Pouco mais de uma década depois, os temas econômicos discutidos por Summers mudaram e, certamente, ficaram muito mais próximos de seu dia a dia. Os EUA tornaram-se o epicentro da pior crise econômica desde a Grande

Depressão, o Brasil passou de devedor a credor externo e a China transformou-se na segunda maior economia mundial. E, só para registrar, Pamela e Ruth ainda não decidiram se seguirão o destino profissional da família.

"A ascensão dos países em desenvolvimento proporciona uma enorme oportunidade, muito embora haja muitas questões a ser administradas", diz o ex-presidente do Conselho Econômico Nacional de Obama. "Sob diversos aspectos, maior produção proporcionada por países que cresceram mais rapidamente deve contribuir para aumentar a taxa de crescimento anual, assim como a recuperação da Europa e do Japão favoreceu os EUA após a Segunda Guerra."

Um dos problemas a ser administrados é o câmbio, tópico importante nas conversas do secretário do Tesouro dos EUA, Timothy Geithner, em sua passagem pelo Brasil. Durante a viagem preparatória para a visita de Obama, no próximo mês, Geithner pediu apoio do governo brasileiro para pressionar o sistema de câmbio semifixo da China, considerado um dos vilões para a saúde da economia americana e para muitos emergentes, como o Brasil.

Pela lógica de Summers, que durante dois anos preparou relatórios diários sobre política econômica para Obama, quanto mais artificialmente desvalorizada estiver a moeda chinesa, menor será a competitividade dos EUA, promovendo uma inundação de produtos chineses. E esse é um problema não apenas para os americanos como para os brasileiros. "Como não faço parte do governo, não posso falar sobre a viagem de Geithner ao Brasil", afirma.

De volta às salas de aula de Harvard, aos 55 anos, Summers mostra que deixou o governo, mas não abandonou suas principais bandeiras. O professor de política econômica americana sugere uma pressão multilateral contra a China, país que financia o déficit dos EUA com as maiores reservas do mundo. "Exercemos diversas pressões sobre países deficitários, mas não exercemos pressões semelhantes sobre países cronicamente superavitários", observa. Esse é o caso do governo chinês, que tem o equivalente a 31% das reservas mundiais — aproximada-

## Foto

mente US\$ 2,7 trilhões. "Evidentemente os déficits não podem ser ajustados sem que os superávits sejam ajustados também", prossegue.

Mas a valorização do yuan pode ocorrer, na opinião de Summers, para minimizar as dificuldades econômicas da própria China, que enfrenta problemas por causa do elevado custo de vida. "Com o tempo, ajustes na taxa de câmbio chinesa serão favoráveis à China, para conter a pressão inflacionária, aos mercados emergentes em geral, para conter a pressão da concorrência chinesa, e à economia mundial como um todo, para ajudar a reequilibrá-la."

Apesar de o governo brasileiro considerar que o câmbio chinês é um problema para a economia nacional, Guido Mantega, ministro da Fazenda, já repetiu que a grande questão para o Brasil é a desvalorização do dólar. Para o ministro, EUA e China promovem uma "guerra cambial", ao manter artificialmente a depreciação de suas moedas para incentivar as exportações, o que promove desequilíbrios na balança comercial dos países. A expressão "guerra cambial", contudo, é considerada inadequada para Summers. "Não acho que a 'guerra cambial' seja uma coisa boa para refletir sobre os problemas econômicos globais da atualidade", diz.

Na visão de Mantega, ao adotar medidas para financiar a recuperação da economia dos EUA, como o afrouxamento quantitativo — injeção adicional de liquidez —, o governo Obama estaria também colaborando para agravar o problema dos fluxos internacionais de capitais. "Países com taxas de câmbio flutuante são capazes de implementar políticas monetárias independentes e, de fato, o fazem. Os EUA ado-

taram uma política monetária que é adequada às condições financeiras e econômicas em um período de enorme recessão." Por muitos anos, argumenta Summers, os EUA foram um "importador de último recurso", e a realização de alguns ajustes nas contas externas do país "é inevitável". "Outros países terão que fazer escolhas com relação a suas políticas monetárias e cambiais e o seu grau de fluxo de capital, como sempre acontece com qualquer país."

Apesar dos nós cambiais, o ex-conselheiro de Obama está otimista e considera que alguns frutos já podem ser colhidos pela política econômica democrata na luta contra a crise. Projeta um Produto Interno Bruto (PIB) entre 3,5% e 4% em 2011 e atribui a melhora a uma conjuntura ampla, que tem resultado numa sensação de satisfação maior para os americanos. "É a combinação de ciclos de investimento que se iniciam no momento e favorecem mais investimento", afirma. Summers assinala também a postura estimuladora da política macroeconômica implantada após acordos no Congresso no fim do ano passado — como o que estendeu os cortes de impostos aprovados por George W. Bush —, um senso de normalidade e otimismo que está sendo restaurado entre os consumidores e a realidade de que a questão da habitação piorou tanto "que não há espaço para que piore muito mais".

Se as projeções do PIB são animadoras, as taxas de emprego ainda são preocupantes e não reagem na mesma frequência. "Vai demorar um bom tempo, e certamente alguns trabalhadores deixarão de fazer parte da população economicamente ativa, por causa do período que passaram sem trabalho", diz. Mas Summers contesta a previsão dos pessimistas de que o país não voltará ao nível de emprego de antes da crise, que minou cerca de 8,5 milhões de postos de trabalho. O economista não vê motivos para o aumento da taxa de desemprego — a fração de pessoas que não conseguem trabalho, dentre aquelas que estão procurando trabalho ativamente. "Ainda assim, penso que vai demorar alguns anos para que voltemos à taxa de desemprego de cerca de 5%, com a qual estávamos acostumados antes da crise."

Todos esses fatores levam Summers a adotar uma posição de entusiasmo cauteloso, ao observar o panorama de médio prazo dos EUA. "É muito importante não esquecermos que somos uma economia com baixa demanda e não podemos cortar gastos antes do tempo."

O horizonte começa, de fato, a ficar mais nebuloso quando o assunto é a situação fiscal americana, considerada incerta por muitos analistas. O déficit orçamentário do governo está projetado para mais de US\$ 1,5 trilhão, para o ano fiscal de 2011 (que termina em setembro), o que representa cerca de 10% do PIB. "O problema vai

ficar sério quando a economia dos EUA se recuperar." No momento, os déficits orçamentários do governo servem para equilibrar a falta de apetite do setor privado para investir, mas "à medida que a economia se recuperar, o setor privado vai migrar para uma postura de endividamento líquido, e aí a realização de ajustes no setor público será especialmente importante".

Economistas mais progressistas, como Paul Krugman, defendem gastos públicos para estimular a economia e afastar o risco de estagnação. Já os republicanos ganharam espaço nas eleições legislativas, ao defender mais austeridade. "É difícil saber exatamente quanto tempo esse processo vai demorar, mas, nos próximos anos, medidas como as que a Comissão Bowles-Simpson sinalizou devem ser adotadas."

A comissão propõe maior ênfase na contenção dos custos da saúde pública, na reforma tributária e, principalmente, na gestão dos gastos, além de ajustes que devem ser realizados por uma sociedade cuja população está envelhecendo, cita Summers, um dos últimos integrantes da equipe que arquitetou as propostas de Obama para debelar a crise econômica de 2008 a deixar o governo.

Summers foi substituído por Gene Sperling, ex-conselheiro de Geithner. Ambos trabalharam juntos no governo Clinton e têm posições econômicas semelhantes. A diferença é de estilo: Summers é famoso por sua impaciência e Sperling, por sua competência em negociar.

A saída de Summers do governo ocorreu na contramão do que advogou, certa vez, o ex-secretário de Estado Henry Kissinger: "Summers deveria ter um emprego permanente na Casa Branca, apenas para selecionar para o presidente — qualquer presidente — as boas ideias de política econômica das estúpidas".

A expectativa dos agentes econômicos americanos era de que Summers fosse o secretário do Tesouro, quando Obama foi eleito. No entanto, suas credenciais e a bem-sucedida atuação no governo Clinton parecem ter sido insuficientes. A mídia americana atribui sua derrota na disputa com Geithner — que só chegou à presidência do Federal Reserve de Nova York por ajuda de Summers — à sua carreira controversa após ter trabalhado em Washington. Teria se tornado próximo demais dos fundos de hedge de Nova York — trabalhou para o DE Shaw, fundo de US\$ 29 bilhões — e pagaria um preço alto por sua gestão conturbada como reitor de Harvard, entre 2001 e 2006. Essas fragilidades poderiam comprometer a aprovação de seu nome pelo Senado dos EUA.

Quando ocupava o posto mais alto do mundo acadêmico dos EUA, Summers teria dito, numa conferência científica, que as mulheres são menos aptas que os homens para as ciências exatas. Acusado de misoginia, foi vítima de protestos

# Foto

em massa por parte da comunidade feminina. Foram praticamente inúteis os pedidos de desculpas por parte de Summers e a criação de uma força-tarefa para buscar formas de reduzir a desigualdade de gênero na academia. Renunciou.

Com um currículo de 13 páginas e, como Samuelson e Arrow, vencedor da Medalha Clark, prestigiado prêmio concedido a economistas americanos com menos de 40 anos, Summers reconquistou parte de seu prestígio quando se tornou conselheiro do candidato democrata à Casa Branca. Mais tarde, já no governo, teve participação decisiva para a concessão do pacote de estímulo para as montadoras Chrysler e General Motors e as propostas de reforma do sistema de saúde e de regulação de Wall Street.

Summers teria deixado o governo após desgaste com a equipe de Obama. Ele teria defendido, em discussões internas na Casa Branca, que o governo precisaria dar mais abertura à comunidade empresarial, questão importante para Obama. No ano passado, o governo foi duramente acusado de ser contra a iniciativa privada, que se opôs às suas principais reformas. "Acho que é melhor prestar atenção aos resultados que às palavras", pondera Summers. "É importante destacar que, nos últimos dois anos, a bolsa de valores cresceu quase 100% e o lucro corporativo cresceu mais rapidamente do que em qualquer outro biênio."

Na tentativa de melhorar suas relações com a comunidade empresarial, Obama nomeou

Jeff Immelt, presidente da General Electric, para chefiar o comitê assessor para assuntos corporativos da Presidência dos EUA, -estratégia que parece adequada aos olhos de Summers. O presidente também anunciou uma iniciativa para reduzir regulamentações, após a derrota do Partido Democrata nas eleições legislativas do ano passado, fato destacado por Summers: "Acho que há muito mais compreensão entre o governo e as corporações do que há alguns meses, em parte por causa dos resultados que foram gerados para o setor corporativo, em parte por causa de algumas das mudanças realizadas pelo presidente Obama."

Summers cita ainda o novo chefe de gabinete, William Daley, com funções semelhantes ao da Casa Civil brasileira, como outro exemplo de profissional que fala mais ao meio empresarial. Daley é ex-banqueiro, ex-membro do conselho de administração da Boeing e ex-secretário de Comércio. Sua escolha é considerada parte do reposicionamento do governo, mais para o centro, num momento em que Obama terá de trabalhar com maioria republicana na Câmara. As mudanças se justificam também porque os EUA estariam tentando entrar numa nova fase de recuperação, e, nesse contexto, fazem falta políticas de estímulo e de orientação do investimento.

Em nova fase também está Summers, que, ao mesmo tempo que se distancia de Washington, se aproxima de Hollywood. No filme "Rede So-

# Foto

cial", indicado a oito Oscars, o ex-reitor de Harvard é interpretado por Douglas Urbanski. Ele entra em cena para receber os gêmeos Cameron e Tyler Winklevoss para uma reunião pouco amigável, quando os três discutem a acusação dos dois irmãos contra Mark Zuckerberg, o criador do Facebook. Parece que Summers se transformou, definitivamente, em um "popstar", adjetivo já usado há quase três décadas, no momento em que deixou de ser o sobrinho de Samuelson e Arrow para tornar-se o mais jovem professor de Harvard, aos 28 anos.